



I – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

1ª Parte: QUESTÕES

Para responder às questões de 1 a 3, leia, atentamente, o poema abaixo.

Astrologia

Minha estrela não é a de Belém:
A que, parada, aguarda o peregrino.
Sem importar-se com qualquer destino
A minha estrela vai seguindo além...

– Meu Deus, o que é que esse menino tem? –
Já suspeitavam desde eu pequenino.
O que eu tenho? É uma estrela em desatino...
E nos desentendemos muito bem!

E quando tudo parecia a esmo
E nesses descaminhos me perdia
Encontrei muitas vezes a mim mesmo...

Eu temo é uma traição do instinto
Que me liberte, por acaso, um dia
Deste velho e encantado Labirinto

(QUINTANA, Mario. **Quintana de bolso**. Porto Alegre: L&P, 1997, p. 102).

1. Com base na leitura do poema, é correto afirmar que o eu-lírico
 - a) reclama da sua estrela, pois esta não lhe serve de guia na sua caminhada.
 - b) encontra a si mesmo nos momentos em que sua estrela aponta para um único caminho a seguir.
 - c) quer permanecer em desatino, assim como sua estrela.
 - d) espera libertar-se do Labirinto, de onde ele desejava sair desde menino.
 - e) quer um destino traçado pela estrela de Belém, que indica o caminho a ser seguido pelos homens.
 - f) não encontra a si mesmo, uma vez que não segue a estrela de Belém.
2. Em *Astrologia*, o eu-lírico faz referência à estrela de Belém, da narrativa bíblica, e ao Labirinto, da mitologia grega. Essas narrativas foram retomadas, nesse poema, para expressar
 - a) uma relação de semelhança, pois nelas os homens são guiados por uma estrela.
 - b) situações marcadas, respectivamente, pela certeza e incerteza de um caminho a seguir.
 - c) a crença do homem em um destino traçado pelos astros.
 - d) a idéia de que o homem deve acomodar-se ao destino traçado para ele.
 - e) fatos em que o ser humano se mostra em desatino, lamentando a própria sorte.
 - f) situações marcadas pela certeza do caminho a seguir.

3. A influência dos astros na vida dos homens faz-se presente, também, nos seguintes versos do poeta Augusto dos Anjos:

“Eu, filho do carbono e do amoníaco,
 Monstro de escuridão e rutilância,
 Sofro, desde a epigênese da infância,
 A influência má dos signos do zodíaco.”

(Psicologia de um vencido. In: ANJOS, Augusto dos. **Os melhores poemas de Augusto dos Anjos**. São Paulo: Global, 1997, p. 51).

Comparando o poema *Astrologia*, de Mario Quintana, com os versos de Augusto dos Anjos, considere as afirmativas:

- I. Nos versos de Augusto dos Anjos e no poema de Mario Quintana, há uma visão pessimista da matéria, da vida e do cosmo.
- II. No poema de Mario Quintana a inquietação em relação ao destino não assume um tom angustiado, como se observa nos versos de Augusto dos Anjos.
- III. O poema de Mario Quintana e os versos de Augusto dos Anjos expressam a dor de existir e uma profunda descrença na vida humana.

Está(ão) correta(s):

- | | | |
|------------|-------------------|--------------------|
| a) todas | c) apenas I e II | e) apenas II e III |
| b) nenhuma | d) apenas I e III | f) apenas II |

Para responder às questões de 4 a 9 leia, atentamente, o texto a seguir.

TEXTO II

Herbarium

1 Todas as manhãs eu pegava o cesto e me embrenhava no bosque, tremendo inteira de paixão quando descobria alguma folha rara. Era medrosa mas arriscava pés e mãos por entre espinhos, formigueiros e buracos de bichos (tatu? cobra?) procurando a folha mais difícil, aquela que ele examinaria demoradamente: a escolhida ia para o álbum de capa preta. Mais tarde, faria parte do herbário, tinha em casa um herbário com quase duas mil espécies de plantas. “Você já viu um herbário?” – ele quis saber.

5 *Herbarium*, ensinou-me logo no primeiro dia em que cheguei ao sítio. Fiquei repetindo a palavra, *herbarium*. *Herbarium*. (...)

Um vago primo botânico convalescendo de uma vaga doença. (...) Qual doença tinha ele? Tia Marita, que era alegre e gostava de se pintar, respondeu rindo (falava rindo) que nossos chazinhos e bons ares faziam milagres. Tia Clotilde, embutida, reticente, deu aquela sua resposta que servia a qualquer tipo de pergunta: tudo na vida podia se alterar menos o destino traçado na mão, ela sabia ler as mãos. “Vai dormir feito uma pedra.” – cochichou tia Marita quando me pediu que lhe levasse o chá de tília. Encontrei-o recostado na poltrona, a manta de xadrez cobrindo-lhe as pernas. Aspirou o chá. E me olhou: “Quer ser minha assistente?” – perguntou soprando a fumaça. “A insônia me pegou pelo pé, ando tão fora de forma, preciso que me ajude. A tarefa é 15 colher folhas para a minha coleção, vai juntando o que bem entender que depois seleciono. Por enquanto, não posso mexer muito, terá que ir sozinha” – disse e desviou o olhar úmido para a folha que boiava na xícara. (...)

Eu mentia sempre, com ou sem motivo. (...) Mas aos poucos, diante dele, minha mentira começou a ser dirigida, com um objetivo certo. Seria mais simples, por exemplo, dizer que colhi a bétula perto do córrego, onde estava o espinheiro. Mas era preciso fazer render o instante em que se detinha em mim, ocupá-lo antes de 20 ser posta de lado como as folhas sem interesse, amontoadas no cesto. Então ramificava perigos, exagerava dificuldades, inventava histórias que encompridavam a mentira. Até ser decepada com um rápido golpe de olhar, não com palavras, mas com o olhar ele fazia a hidra verde rolar emudecida enquanto minha cara se tingia de vermelho — o sangue da hidra. (...)

Nas cartas do baralho, tia Clotilde já lhe desvendara o passado e o presente. (...) O que ela previu? Ora, 25 tanta coisa. De mais importante, só isso, que no fim da semana viria uma amiga buscá-lo, uma moça muito bonita, podia ver até a cor do seu vestido de corte antiquado, verde-musgo. Os cabelos eram compridos, com reflexos de cobre, tão forte o reflexo na palma da mão! (...) Fugi para o campo, os olhos desvairados de pimenta e sal, sal na boca, não, não vinha ninguém, tudo loucura, uma louca varrida essa tia, invenção dela, invenção pura, como podia? (...) Lavei os olhos cegos de dor, lavei a boca pesada de lágrimas, os últimos fiapos de unhas 30 me queimando a língua, não! Não. Não existia ninguém de cabelo de cobre que no fim de semana ia aparecer para buscá-lo, ele não ia embora nunca mais, NUNCA MAIS! (...)

Quando lhe entreguei a folha de hera com formato de coração (um coração de nervuras trementes se abrindo em leque até as bordas verde-azuladas) ele beijou a folha e levou-a ao peito. Espetou-a na malha do suéter: “Esta vai ser guardada aqui.” Mas não me olhou nem mesmo quando eu saí tropeçando no cesto. Corri

35 até a figueira, posto de observação onde podia ver sem ser vista. Através do rendilhado de ferro do corrimão da escada, ele me pareceu menos pálido. A pele mais seca e mais firme a mão que segurava a lupa sobre a lâmina do espinho-do-brejo. Estava se recuperando, não estava? Abracei o tronco da figueira e pela primeira vez senti que abraçava Deus.

No sábado, levantei mais cedo. O sol forcejava a névoa, o dia seria azul quando ele conseguisse rompê-la.
 40 (...) Corri até o córrego. (...) Salvei uma abelhinha das mandíbulas de uma aranha, permiti que a saúva-gigante arrebatasse a aranha e a levasse na cabeça como uma trouxa de roupa esperneando mas recuei quando apareceu o besouro de lábio leporino. Por um instante me vi refletida em seus olhos facetados. Fez meia-volta e se escondeu no fundo da fresta. Levantei a pedra: o besouro tinha desaparecido mas no tufo raso vi uma folha que nunca encontrara antes, única. Solitária. Mas que folha era aquela? Tinha a forma aguda de uma foice, o verde
 45 do dorso com pintas vermelhas irregulares como pingos de sangue. Uma pequena foice ensangüentada – foi no que se transformou o besouro? Escondi a folha no bolso, peça principal de um jogo confuso. Essa eu não juntaria às outras folhas, essa tinha que ficar comigo, segredo que não podia ser visto. Nem tocado. Tia Clotilde previa os destinos mas eu podia modificá-los, assim, assim! e desfiz na sola do sapato o cupim que se armava debaixo da amendoeira. Fui andando solene porque no bolso onde levava o amor levava agora a morte.

50 Tia Marita veio ao meu encontro, mais aflita e gaguejante do que de costume. Antes de falar já começou a rir: “Acho que vamos perder nosso botânico, sabe quem chegou? A amiga, a mesma moça que Clotilde viu na mão dele, lembra? Os dois vão embora no trem da tarde, ela é linda como os amores, bem que Clotilde viu uma moça igualzinha, estou toda arrepiada, olha aí, me pergunto como a mana adivinha uma coisa dessas!” (...)

Fui me aproximando da janela. Através do vidro (poderoso como a lupa) vi os dois. Ela sentada com o
 55 álbum provisório de folhas no colo. Ele, de pé e um pouco atrás da cadeira, acariciando-lhe o pescoço e seu olhar era o mesmo que tinha para as folhas escolhidas, a mesma leveza de dedos indo e vindo no veludo da malva-maçã. (...) Quando me viu, veio até a varanda no seu andar calmo. Mas vacilou quando disse que esse era nosso último cesto, por acaso não tinham me avisado? O chamado era urgente, teriam que voltar nessa tarde. Sentia perder tão devotada ajudadora mas um dia, quem sabe?... Precisaria perguntar à tia Clotilde em que linha
 60 do destino aconteciam os reencontros.

Estendi-lhe o cesto mas ao invés de segurar o cesto, segurou meu pulso: eu estava escondendo alguma coisa, não estava? O que estava escondendo, o quê? Tentei me livrar fugindo para os lados, aos arrancos, não estou escondendo nada, me larga! Ele me soltou mas continuou ali, de pé, sem tirar os olhos de mim. Encolhi quando me tocou no braço: “e o nosso trato de só dizer a verdade? Hem? Esqueceu nosso trato?” – perguntou
 65 baixinho.

Enfie a mão no bolso e apertei a folha, intacta à umidade pegajosa da ponta aguda, onde se concentravam as nódoas. Ele esperava. Eu quis então arrancar a toalha de crochê da mesinha, cobrir com ela a cabeça e fazer micagens, hi hi! hu hu! Até vê-lo rir pelos buracos da malha, quis pular da escada e sair correndo em ziguezague até o córrego, me vi atirando a foice na água, que sumisse na correnteza! Fui levantando a cabeça. Ele
 70 continuava esperando, e então? No fundo da sala, a moça também esperava numa névoa de ouro, tinha rompido o sol. Encarei-o pela última vez, sem remorso, quer mesmo? Entreguei-lhe a folha.

(TELLES, Lygia Fagundes. **Oito contos de amor**. São Paulo: Ática, 2003, p. 42-49).

4. No conto *Herbarium*, a autora

- I. explora as emoções e impressões da personagem-narradora, imprimindo um tom intimista à narrativa.
- II. descreve, exaustivamente, as emoções e os aspectos físicos das personagens.
- III. aborda a temática do sentimento amoroso, registrando situações de desencontro afetivo.

Está(ão) correta(s) a(as) afirmativas(s):

- | | | |
|------------|-------------------|--------------------|
| a) todas | c) apenas I e II | e) apenas II e III |
| b) nenhuma | d) apenas I e III | f) apenas I |

5. Numere a segunda coluna, considerando o sentido que cada palavra ou expressão da primeira coluna adquire no conto *Herbarium*.

- | | |
|--|-------------|
| (1) <i>sangue da hidra</i> (linha 23) | () refúgio |
| (2) <i>olhos desvairados de pimenta e sal</i> (linhas 27-28) | () ciúme |
| (3) <i>folha de hera com formato de coração</i> (linha 32) | () rubor |
| (4) <i>figueira</i> (linha 35) | () amor |
| (5) <i>besouro de lábio leporino</i> (linha 42) | |

A seqüência numérica correta é:

- | | | | | | |
|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| a) 1432 | b) 5341 | c) 4351 | d) 4132 | e) 4213 | f) 2134 |
|---------|---------|---------|---------|---------|---------|

6. Lygia Fagundes Telles explora, ao longo do conto, aspectos psicológicos da personagem-narradora que, ora se deixa levar pelo **sentimento amoroso**, ora pelo **desejo de vingança**. Exemplos desses sentimentos estão presentes, respectivamente, nos trechos:

- a) “...com o olhar ele fazia a hidra verde rolar emudecida enquanto minha cara se tingia de vermelho” (linhas 22-23) / “Precisaria perguntar à Tia Clotilde em que linha do destino aconteciam os reencontros.” (linhas 59-60).
- b) “... e desfiç na sola do sapato o cupim que se armava debaixo da amendoeira.” (linhas 48-49) / “Enfiei a mão no bolso e apertei a folha, intacta à umidade pegajosa da ponta aguda...” (linha 66).
- c) “Mas era preciso fazer render o instante em que se detinha em mim...” (linha 19) / “Abracei o tronco da figueira e pela primeira vez senti que abraçava Deus.” (linhas 37-38).
- d) “... e desfiç na sola do sapato o cupim que se armava debaixo da amendoeira.” (linhas 48-49) / “Mas que folha era aquela? Tinha a forma aguda de uma foice...” (linha 44).
- e) “Mas era preciso fazer render o instante em que se detinha em mim...” (linha 19) / “Mas que folha era aquela? Tinha a forma aguda de uma foice...” (linha 44).
- f) “Precisaria perguntar à Tia Clotilde em que linha do destino aconteciam os reencontros.” (linhas 59-60) / “Abracei o tronco da figueira e pela primeira vez senti que abraçava Deus.” (linhas 37-38).

7. No desfecho da narrativa, a personagem-narradora

- I. realiza, concretamente, o seu projeto de vingança, ao querer “arrancar a toalha de crochê da mesinha...” (linha 67).
- II. demonstra sua indiferença pelo primo, ao “...sair correndo em ziguezague até o córrego...” (linhas 68-69).
- III. revela uma transformação do seu mundo interior, ao entregar a folha ao primo, encarando-o “...pela última vez...” (linha 71).

Está(ão) correta(s) a(s) afirmativa(s):

- a) todas
- b) nenhuma
- c) apenas I e II
- d) apenas I e III
- e) apenas II e III
- f) apenas III

8. A autora, em seu texto, faz uso de determinados recursos expressivos. Sobre esses recursos, assinale com **V** a(s) proposição(ões) verdadeira(s) e com **F**, a(s) falsa(s):

- () Há uma comparação em “Vai dormir feito uma pedra” (linha 11), pois se estabelece uma relação de semelhança entre *dormir* e *pedra*.
- () Ocorre uma antítese em “— disse e desviou o olhar úmido para a folha que boiava na xícara.” (linha 16), traduzida na expressão *olhar úmido*.
- () Há uma personificação em “... ele fazia a hidra verde rolar emudecida...” (linha 22), uma vez que atribui-se à hidra a ação de emudecer.
- () Ocorre uma hipérbole em “Lavei os olhos cegos de dor, lavei a boca pesada de lágrimas...” (linha 29), pois há um exagero nessas expressões.
- () Ocorre uma metáfora em “...a moça também esperava numa névoa de ouro...” (linha 70), traduzida pela expressão *névoa de ouro*.

A seqüência correta é:

- a) FFVVV
- b) VVVFF
- c) FVVFF
- d) VFVVV
- e) VFVVF
- f) VVVVF

ATENÇÃO: As questões de 9 a 12 apresentam como resposta **valores numéricos, que devem ser assinalados na FOLHA DE RESPOSTAS.**

9. No conto *Herbarium*, a autora faz uso dos discursos direto, indireto e indireto livre. Em relação a esses tipos de discurso, identifique a(s) proposição(ões) verdadeira(s):

- 01. Ocorre discurso direto em “Você já viu um herbário? — ele quis saber.” (linha 5), uma vez que a narradora reproduz exatamente a fala do personagem.
- 02. Ocorre discurso indireto em “Tia Marita (...) respondeu rindo (falava rindo) que nossos chazinhos e bons ares faziam milagres.” (linhas 8-9), porque a narradora, com suas palavras, reproduz a fala da personagem Tia Marita.
- 04. Há apenas discurso indireto em “Vai dormir feito uma pedra.’ — cochichou tia Marita quando me pediu que lhe levasse o chá de tília.” (linhas 11 e 12), uma vez que a narradora se limita a reproduzir, com suas palavras, a fala da personagem Tia Marita.
- 08. Ocorre discurso direto em “E me olhou: Quer ser minha assistente? — perguntou soprando a fumaça.” (linhas 13-14), porque a narradora deixa falar o personagem, reproduzindo exatamente suas palavras.
- 16. Há discurso indireto livre em “Ele continuava esperando, e então?” (linhas 69-70), pois os limites entre a fala da narradora e a fala do personagem não são muito evidentes.

A soma dos valores atribuídos à(s) proposição(ões) verdadeira(s) é igual a

10. Em algumas narrativas da obra *Oito contos de amor*, de Lygia Fagundes Telles, a sondagem psicológica das personagens se realiza através do uso do **fluxo de consciência**, técnica narrativa que introduz inovações na prosa moderna. Identifique a(s) proposição(ões) verdadeira(s), relativa(s) ao uso dessa técnica:
- 01. As fronteiras entre passado e presente, realidade e imaginação são bem delimitadas.
 - 02. Os acontecimentos aparecem em ordem cronológica e se passam apenas no plano da realidade.
 - 04. Os momentos de vivência interior dos personagens são explorados, misturando-se realidade e fantasia.
 - 08. Os fatos são apresentados em uma ordem linear, ocorrendo uma distinção entre presente e passado.
 - 16. A seqüência lógica dos acontecimentos se perde, permitindo o curso livre dos pensamentos dos personagens.

A soma dos valores atribuídos à(s) proposição(ões) verdadeira(s) é igual a

11. Sobre a obra *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, identifique a(s) proposição(ões) verdadeira(s):

- 01. O autor, embora faça críticas à Igreja Católica, apresenta alguns valores cristãos como a misericórdia, o perdão e a salvação.
- 02. A peça é dividida em três atos, marcados pela mudança total de cenário e de personagens.
- 04. Os personagens divinos Manoel (Jesus) e a Compadecida (Nossa Senhora) expressam, em suas falas, sentimentos do ser humano: alegria, medo, dúvida.
- 08. Todos os representantes da Igreja Católica (Padre, Sacristão, Bispo e Frade) são mortos pelo cangaceiro Severino e condenados ao purgatório.
- 16. A *Compadecida*, no momento do julgamento, justifica os atos vergonhosos praticados pelos personagens, em função da triste condição do homem, "*feito de carne e de sangue*".

A soma dos valores atribuídos à(s) proposição(ões) verdadeira(s) é igual a

12. Leia.

"Os modernistas de 1922 nunca se consideraram componentes de uma escola, nem afirmaram ter postulados rigorosos em comum. O que os unificava era um grande desejo de expressão livre e a tendência para transmitir, sem os embelezamentos tradicionais do academismo, a emoção pessoal e a realidade do país."

(CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**. Modernismo. São Paulo: Difel, 1981, p. 9).

Considerando as informações apresentadas no texto e os estudos sobre o modernismo brasileiro, identifique a(s) proposição(ões) verdadeira(s):

- 01. A ausência de "*postulados rigorosos*" contribuiu para que autores como Manuel Bandeira e Mário de Andrade não se tornassem representativos no cenário da literatura brasileira.
- 02. Os "*embelezamentos tradicionais do academismo*", mencionados no texto, estão associados à poesia de Cassiano Ricardo e de Oswald de Andrade.
- 04. A "*tendência para transmitir (...) a realidade do país*" significava, para os modernistas de 1922, realizar uma leitura crítica das nossas tradições culturais, como ocorre em *Macunaíma*, de Mário de Andrade.
- 08. O "*desejo de expressão livre*" não se manifesta na poesia de Mário de Andrade, pois o poeta não adota as inovações formais, presentes na obra de outros autores modernistas.
- 16. A "*tendência para transmitir (...) a emoção pessoal*" manifesta-se em poemas de Manuel Bandeira, que resgata o lirismo poético.

A soma dos valores atribuídos à(s) proposição(ões) verdadeira(s) é igual a

2ª Parte: REDAÇÃO

ORIENTAÇÕES GERAIS

- ⊗ Escolha apenas uma das propostas temáticas apresentadas e desenvolva-a de acordo com a orientação dada.
- ⊗ Mantenha fidelidade à proposta escolhida, pois a fuga à temática implica a anulação de seu texto.
- ⊗ Utilize as informações fornecidas pelos textos apresentados para cada proposta – **SEM COPIÁ-LAS**. Os demais textos dessa prova poderão, também, ser utilizados como subsídios para sua redação. Caso cite passagens dos textos dados, utilize **aspas**.
- ⊗ Siga a norma culta da língua escrita. Caso você escolha escrever um texto narrativo, poderá recorrer a outros registros da língua, desde que faça uso do discurso direto.
- ⊗ Apresente letra legível, com **tinta preta ou azul**.
- ⊗ Faça o rascunho, se necessário, na página 8 deste Caderno de Questões. **O RASCUNHO NÃO SERÁ CORRIGIDO.**
- ⊗ No espaço indicado no CADERNO DE RESPOSTAS:
 - ▣ Assinale com um X a quadrícula correspondente à proposta escolhida.
 - ▣ Apresente um título para seu texto, que não seja apenas repetição da proposta dada.
 - ▣ Desenvolva, **em prosa**, sua Redação em, no mínimo, 20 linhas e, no máximo, 25.

PROPOSTAS TEMÁTICAS PARA A REDAÇÃO

PROPOSTA A: A influência dos astros na vida das pessoas.

Essa temática, presente no poema *Astrologia* de Mario Quintana, é abordada, de forma diferenciada, nos textos a seguir.



(Caco Galhardo. Folha de São Paulo, 10 nov. 2005).

UM ANO DE CONQUISTAS

Saturno, um dos planetas mais vistosos, graças aos seus anéis é também o senhor do tempo. Será sobre as suas influências que todos viveremos em 2006. Isso quer dizer que as pessoas lutarão pelo que desejam e que o senso de responsabilidade irá imperar nos quatro cantos do mundo. O momento será de muito trabalho e esforço, pois nada cairá dos céus: será preciso batalhar. (...) Os mais beneficiados pelas forças desse poderoso astro serão as pessoas que correm atrás dos seus sonhos, que não têm preguiça e que sabem que, para receber a recompensa, é preciso suar muito. Por isso, aqui vai a primeira dica de Saturno: Lute pelo que deseja e conquistará seus ideais.

(SuperGuia de horóscopo popular. Ano 5, 2006, p. 4).

ASTROLOGIA

A astrologia, em sua forma tradicional, é um método de adivinhação baseado na teoria de que as posições e movimentos dos corpos celestes (estrelas, planetas, sol e lua), no momento do nascimento, influenciam profundamente a vida da pessoa. A forma mais tradicional é a Astrologia de Signos Solares, tipo encontrado em numerosos jornais diários que publicam horóscopos. O termo também é usado para descrever um mapa do zodíaco no momento do nascimento da pessoa. O zodíaco se divide em doze zonas celestes, cada qual recebendo o nome de uma constelação que originalmente coincidia com a zona (Touro, Leão, etc.). Todas as trajetórias aparentes do sol, da lua e dos principais planetas se encaixam dentro do zodíaco. (Texto adaptado).

(Disponível em: <http://www.brazil.skeptdic.com>. Acesso em: 02 dez. 2005).



Com base nas informações apresentadas, produza um texto, articulando as idéias que resultaram dessas leituras.

PROPOSTA B: A biodiversidade da Amazônia deve ser explorada apenas pelos brasileiros?

No conto de Lygia Fagundes Telles, o primo da personagem-narradora é um botânico que coleta folhas para o seu herbário. Assim como esse personagem do conto, muitos pesquisadores são atraídos pela biodiversidade das florestas brasileiras, consideradas um tesouro precioso. Nos textos abaixo, são apresentadas algumas informações a respeito dessa temática.

Em entrevista dada à *Folha de São Paulo*, o médico Drauzio Varella assim se expressa sobre a preservação da biodiversidade da Amazônia:

“Você pode cortar toda a madeira da Amazônia, todo o mogno, que não tem problema. Mas basta aparecer com uma tesourinha e cortar um galhinho de árvore que dá uma complicação. Biopirataria é patentear o urucum, o cupuaçu, como os japoneses fizeram. Pesquisa só dá prejuízo. Quando começamos as pesquisas, achamos que deveríamos ver o que as comunidades tradicionais usavam. Eu desanimei no ato: 90% das coisas que os índios usam é para o fígado. (...) Nós não temos nada a aprender com a medicina dos índios. Eles ficam tomando chás porque não têm remédio, não têm antibiótico. Nós pesquisamos cem extratos [vegetais] que têm atividades. (...) É um trabalho muito cauteloso, muito demorado. É inviável monetariamente. E o que o governo faz? Está espantando os interessados em fazer estudos. A única chance de preservação é através do estudo. Estrangeiros a quem devemos muito, que passaram a vida na Amazônia catalogando plantas, são tratados como biopiratas. É preciso criar regras.”

(*Folha de São Paulo*, Cotidiano, 27 mar. 2005, p. 19).

BIOPIRATARIA

A biopirataria é o desvio ilegal das riquezas naturais e do conhecimento das populações tradicionais. É um mal que abate e enfraquece cada vez mais o nosso país, resultando na perda de um imprescindível patrimônio genético e biosférico, ainda longe de ser mensurável do ponto de vista econômico. Um dos muitos fatores que torna mais grave essa delicadíssima questão da biopirataria no Brasil é o crescente avanço da biotecnologia no primeiro mundo ante um país que continua fazendo acanhados e poucos investimentos nos setores da educação, ensino e pesquisa. O estudo do tema no Brasil permite dois grandes enfoques que são complementares. O primeiro diz respeito às ações clandestinas de retirada de recursos de nossa biodiversidade e o segundo traz à tona outra faceta da biopirataria relacionada à maneira pela qual o Brasil, por meio de seus poderes públicos, tem tratado a questão da regulação do acesso à biodiversidade.

(...) Em várias regiões da Amazônia, pesquisadores estrangeiros desembarcam com vistos de turista, entram na floresta, muitas vezes, infiltrando-se em comunidades tradicionais ou em áreas indígenas. Fazendo-se valer da carência social e econômica dos mateiros, índios e matutos — gente que conhece como a palma da mão os mistérios e riquezas da natureza — buscam e orientam a exploração e o tráfico de mudas, sementes, insetos, de nossa farta biodiversidade. (Texto adaptado).

(Disponível em: <<http://www.ambientebrasil.com.br>> Acesso em: 02 dez. 2005).



Considerando essas informações, produza um texto, posicionando-se sobre essa problemática.

RASCUNHO DA REDAÇÃO

PROPOSTA A

PROPOSTA B

Título

01 _____

02 _____

03 _____

04 _____

05 _____

06 _____

07 _____

08 _____

09 _____

10 _____

11 _____

12 _____

13 _____

14 _____

15 _____

16 _____

17 _____

18 _____

19 _____

20 _____

21 _____

22 _____

23 _____

24 _____

25 _____

26 _____

27 _____

28 _____

29 _____

30 _____

31 _____

32 _____

33 _____

34 _____

35 _____